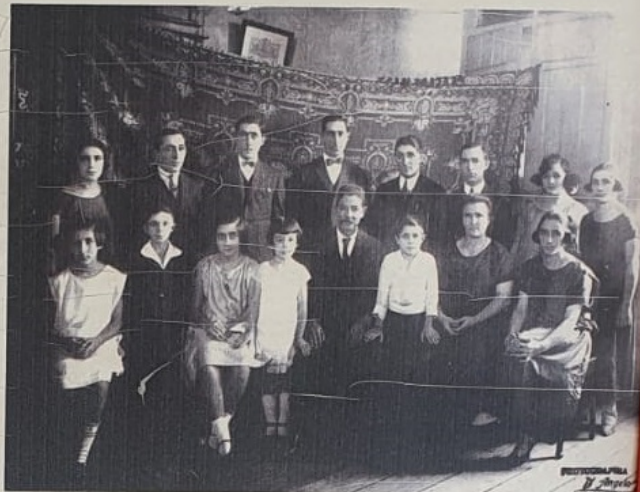


A Lapa Como Destino dos Imigrantes

O fim do trabalho escravo, em 1888, encontrou como substituto o trabalho livre do imigrante, principalmente o europeu. Na lida com o café, nas emergentes indústrias e serviços que a cidade necessitava, os imigrantes deixaram uma marca duradoura, tanto no modo de vida que a cidade assumiu, como na forma de lutar bravamente por um ideal.

Oriundos de uma Europa miserável, procuraram na América a concretização do ideal de se fazerem dignos de uma vida melhor. Nem sempre fácil, essa nova possibilidade demandou persistência e coragem dos milhares de homens, mulheres e crianças que atravessaram o Oceano Atlântico. Famílias inteiras, transferiram-se para diversas localidades do Brasil.

Em São Paulo, ergueram bairros e transformaram o cotidiano da gente da terra socializando sua cultura, gestos, alimentação e formas de viver. A Lapa recebeu inúmeros desses imigrantes: italianos, portugueses, ingleses, espanhóis, húngaros, árabes, japoneses, que chegaram em diversos momentos da história do bairro.



Os italianos. Família Medaglia. 1923. Coleção Geraldo Medaglia.

"Eu nasci em Quental da Lapa, uma pequena província do Viseu. Meu pai já tinha estado no Brasil e voltou para Portugal. Em Portugal nasceram dois filhos, eu e meu irmão. Em 1927, meu pai voltou para o Brasil, por causa da crise mundial, e nunca mais voltou para Portugal. Ele começou com o ofício de alfaiate em Portugal, e depois, no Brasil montou uma alfaiataria, e como não dava para sustentar a família, as pessoas aqui não tinham dinheiro para mandar fazer roupas, montou um armazém de secos e molhados e assim foi, sempre no ramo do comércio" (Julio Paes de Almeida).



Vovô Salgado, tabelião e farmacêutico da Lapa. Acervo Museu Histórico da Lapa.



"Meus avós vieram da Itália de navio e compraram uma fazenda no Turvo, ao lado de Taquaritinga. Minha avó era austríaca e meu avô italiano, eles vieram antes dos imigrantes que vieram para trabalhar no Brasil e se estabeleceram nas terras do Taquaritinga, meu avô veio para se estabelecer no Brasil". (Older Grigoli)

Clélia Campana Pereira, imigrante portuguesa. Coleção Margarida Pereira.

"A princípio, como era de costume, todos os imigrantes eram contratados para trabalhar nas fazendas, mas nós não ficamos. Assim que nós chegamos na imigração no Brás, veio o pessoal da fazenda para levar a gente, porque o fazendeiro ficou sabendo que éramos húngaros e na fazenda eles já tinham alguns húngaros. Então, ele mandou um adolescente recolher a gente e no caminho o pessoal começou a perguntar se era verdade que aqui iam dar terra para gente. E o menino disse que não era nada disto, que nós vamos ter terra para trabalhar e não pra ser proprietário" (Josef Tuba)

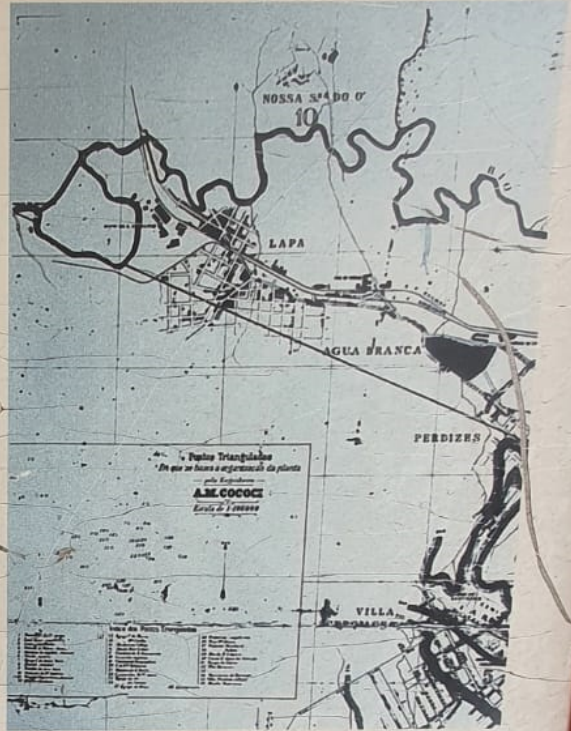


Retrato de família que imigrou para a Lapa no início do século 20. Acervo Museu Histórico da Lapa.

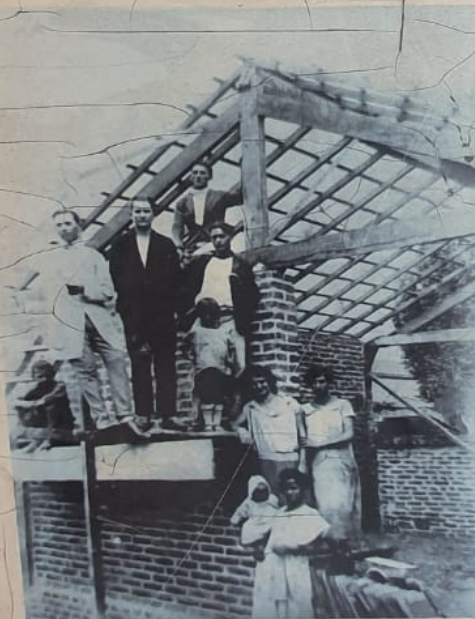
LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

A Urbanização da Lapa

A chegada da ferrovia a partir de 1900 tem papel determinante na urbanização do bairro da Lapa. Os operários que chegaram para trabalhar na ferrovia ou nas fábricas instaladas nas suas proximidades começaram a construir casas em estilo europeu, geminadas e assobradadas e com grandes janelas e varandas, além de inúmeros galpões industriais. Muitas residências passaram a ter dupla função: de moradia na parte superior e de estabelecimento comercial no térreo. Em 1912, a Lapa é elevada a condição de subdistrito e, em 1915, começam os primeiros trabalhos de infra-estrutura, como implantação de rede de água e esgoto, extensão das linhas de bonde, pavimentação das ruas e instalação de luz elétrica. Na década de 1920, a expansão comercial atinge a rua 12 de outubro contribuindo para que a zona residencial do bairro avance para Alto da Lapa, onde a Cia City desenvolve mais um projeto de bairro-jardim. Em 1925 a Lapa passa a constar oficialmente nos mapas da cidade, elevando-se a condição de zona urbana.



Na Planta da Cidade de São Paulo, o bairro da Lapa aparece no ano de 1925. Acervo Museu Histórico da Lapa.



As primeiras casas, já com a influência dos europeus, começaram a ser construídas no bairro da Lapa. Na foto uma família italiana para o lado de sua residência em construção. Década de 1910. Acervo Museu Histórico da Lapa



Conjunto de casas na antiga rua Anastácio (Rua Nossa Senhora da Lapa). Início do século XX. Acervo Museu Histórico da Lapa

Casa na rua Afonso Sardinha. Residência do Sr. Antonio José Salgado. Início do século XX. Acervo Museu Histórico da Lapa



LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

A Cia City e os Bairros-Jardim

Criada em Londres, Inglaterra, em 1911, a Cia City tinha como finalidade realizar operações imobiliárias e urbanísticas em São Paulo. Em 1912, adquiriu um total de 12 milhões de metros quadrados em terrenos para loteamento na cidade de São Paulo. Essas áreas, distantes do centro da cidade, foram progressivamente sendo transformadas em aprazíveis bairros residenciais. Projetados pelo arquiteto e urbanista Barry Parker, os bairros-jardim, como ficaram conhecidos, foram construídos no Jardim América, Pacaembu, Alto de Pinheiros, Butantã e Alto da Lapa. Apesar de estar localizado próximo ao núcleo fabril da Lapa, os loteamentos do Alto da Lapa e Bela Aliança eram empreendimentos voltados para a classe média alta e tinham como características básicas jardins internos, ruas amplas e praças arborizadas. O processo de loteamento iniciou-se em 1921 e a venda dos terrenos prosseguiu até 1945.



A Associação Cristã de Moços, criada na Inglaterra na primeira metade do século XIX, recebeu da Cia City autorização para instalar uma de suas unidades no loteamento do Alto da Lapa. Em regime de comodato, renovado a cada 25 anos, a partir de 1967 a ACM começou a construir suas instalações, tornando-se um importante complexo esportivo que beneficia inúmeros moradores da região. Fachada do prédio pronto em 1982. Acervo Associação Cristã de Moços.

Início das obras da Cia City no loteamento do Alto da Lapa. Década de 1920. Acervo Cia City.



Alto da Lapa, residência na rua Brigadeiro Cavilão Peleiro, 1928. Acervo Cia City.

Loteamento de Bela Aliança. Ruas amplas e arborizadas. 1929. Acervo Cia City.



No popular bairro da Vila Romana, a Cia City também empenhou um projeto destinado a um público com menor poder aquisitivo, mas que tinha também uma grande preocupação com a qualidade de vida de seus moradores. Estritamente residenciais, estes loteamentos eram regidos por rigorosas normas de preservação contra o crescimento desordenado e vertiginoso que pôde ser notado em seus arredores. No Alto da Lapa, espécies raras de árvores podem ser contempladas e sua população residente é extremamente organizada para a preservação das características originais do bairro.

Os projetos da Cia City contribuíram para o equilíbrio e embelezamento da cidade de São Paulo e, apesar das tensões da metrópole, ainda são verdadeiros oásis de tranquilidade.



Planta do loteamento de Alto da Lapa e Bela Aliança. Acervo Cia City.

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Os Primeiros Loteamentos



Palacete na rua 12 de outubro. 1900. Acervo Museu Histórico da Lapa.

A partir de 1870, a configuração urbana da cidade de São Paulo começa a ser alterada. A expansão cafeeira, a instalação da ferrovia e a imigração européia são alguns dos fatores que detonam essa alteração.

A cidade começa a se expandir e regiões desabitadas e longínquas do centro da cidade vão aos poucos sendo povoadas. Propriedades rurais são transformadas em loteamentos, que visam a atender um novo contingente populacional.

Na Lapa, seguindo a tendência, um novo núcleo foi sendo formado. Em 1888 é aberto o loteamento de vila Romana, composto exclusivamente por lotes agrícolas. Em 1891 é lançado o loteamento do Grão Burgo da Lapa, compreendendo o já existente núcleo da Lapa de Baixo e toda sua região central. Aos poucos, o bairro ia ganhando sua identidade, estimulando uma nova e agitada vida social e econômica.



Loteado por Bráulio, Irmãos Falchi e Serafim Corso, em 1891, o loteamento Grão Burgo da Lapa redesenhou a ocupação da região. Acervo Museu Histórico da Lapa.

Cartaz de propaganda da venda de terrenos da Chácara Santa Cruz. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Aspecto rural da região lapense. Fins do século XIX. Acervo Cia City



Planta do Grão Burgo Lapa. S.d. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Projeto Museus de Bairro / Secretaria de Estado da Cultura
LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

O Núcleo Fabril da Lapa

Favorecidas pelo aquecimento da economia, sobretudo pelo crescimento da produção do café e os altos investimentos do capital estrangeiro, muitas indústrias começaram a surgir na cidade a partir das últimas décadas do século XIX. Bairros como a Moóca, Brás, Barra Funda, Lapa e arredores tornaram-se importantes núcleos fabris.

Essas regiões foram escolhidas pela presença da linha férrea, pelo baixo custo dos terrenos e vasta mão-de-obra que dispunham. Na Lapa, em 1896, chegou a vidraria Santa Marina, posteriormente vieram a SPR, Cia Mecânica Importadora, Curtume Água Branca, Metalúrgica Martins Ferreira, Fábrica de Louças Santa Catarina, Fábrica de Tecidos e Bordados da Lapa, Fundação Progresso, Fundação Mecânica F. Bonaldi, Fábrica de Fósforos Fiat Lux, Cia. Melhoramentos, Frigorífico Armour, Metalúrgica Albion, entre outras. A partir dos anos de 1930, o núcleo industrial da Lapa alarga-se para outras regiões, chegando aos bairros da Vila Leopoldina e Hamburguesa.



Fábrica Martins Ferreira, localizada na rua William Speers. 1912. Acervo Museu Histórico da Lapa.

O frigorífico Armour foi instalado na região do Anarácia em 1919. Vista geral do frigorífico. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Trabalhadores no interior da Vidraria Santa Marina. 1919. Acervo Museu Histórico da Lapa.

"O frigorífico Armour começou a ser construído em 1918 e para trabalhar nele vieram estrangeiros. Era mais estrangeiro que vinha, porque tinha a câmara fria e eles se adaptavam melhor. Tinha mais russos e lituanos, porque eles vinham de regiões mais frias que ficavam perto da Sibéria e agüentavam mais o frio das câmaras frias da Armour. Tinha também húngaros, só que estes trabalhavam mais na matança dos animais." (José Tuba).



Vista da Vidraria Santa Marina quando se instalou na região. 1896. Acervo Museu Histórico da Lapa.

"Meus pais vieram da Itália, não como os imigrantes que vieram para as lavouras, vieram com a fábrica de cerveja que foi instalada em Campinas. Na época houve uma enchente que destruiu a fábrica e por isso eles vieram para São Paulo. Em São Paulo foram trabalhar na Vidraria Santa Marina como empregados, porque ficaram sem nada. Meu pai era técnico de vidro, ele fazia aqueles vasilhames grandes. A minha família toda trabalhou na Santa Marina. Meu tio carregava as moças de Seu Basílio, dono da Santa Marina, então todos os meus tios e irmãos trabalhavam lá. Ele fazia o transporte das moças em coches para a escola na cidade, levava e depois ia buscar. Minha mãe, para eu não ficar na rua, me colocou na Cia. Melhoramentos. De manhã, eu ia para o grupo escolar e à tarde ia para o trabalho. Eu passava a cola, nas histórias da Carochinha". (Hipólito Sproccati).

Fachada da Fundação Progresso em direção à Lapa em 1916. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Projeto Museus de Bairro / Secretaria de Estado da Cultura

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

A Vida Fora das Fábricas

As árduas horas passadas no interior dos locais de trabalho encontravam seu contraponto nas animadas reuniões de fim de tarde entre amigos e familiares.

A proximidade com locais ainda desérticos e de grande beleza incentivava os passeios ao ar livre. E era aí que aconteciam os piqueniques. Ao longo das décadas de 1920 e 1930, os lapeanos promoveram grandes piqueniques em locais afastados do núcleo central do seu bairro, como a Chácara do Boaçava (atual Jaguaré), Chácara do Major Paladino (atual Vila dos Remédios), Pico do Jaraguá e nas proximidades do rio Tietê.

Era nesses momentos de lazer que os moradores aproveitavam para trocar idéias, fazer brincadeiras, esportes, namorar, cantar e muitas vezes sentir saudades de seus países de origem.



Grupo Pê de Porco reunido na Chácara Boaçava (atual Jaguaré). 1920. Arquivo Museu Histórico da Lapa.

Família Menoncello, Vivaldi. Piquenique em 1924. Arquivo Museu Histórico da Lapa.



Comemoração entre antigos. 1906. Arquivo Museu Histórico da Lapa.



Grupo Pê d'Água. Início do século XX. Arquivo Museu Histórico da Lapa.

Projeto Museus de Bairro / Secretaria de Estado da Cultura

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Aprendendo a Ler e Escrever Os Estabelecimentos de Ensino

As primeiras escolas estaduais a surgirem no bairro da Lapa foram instituídas por leis de 1903 que garantiram o funcionamento de escolas primárias para as crianças da região. Inicialmente foram criados dois estabelecimentos: um para meninos e outro para meninas. Da união desses dois estabelecimentos surgiram as Escolas Reunidas da Lapa. Foi nessa época que diversos colégios particulares também começaram a surgir.

As escolas da Lapa tiveram um papel fundamental no processo aglutinador das diferentes nacionalidades dos moradores do bairro. Através dos filhos que aprendiam a língua portuguesa, os pais podiam se comunicar e se entender com seus vizinhos.



Grupo Escolar Pereira Barreto, 1928. Acervo Museu Histórico Lapa.

Os mestres, os temidos dias de provas, a algazarra nos recreios, a amizade entre os colegas permanecem na memória de todos aqueles que tiveram a oportunidade freqüentar as salas de aulas dos diversos estabelecimentos de ensino da Lapa como: os Grupos Escolares, atuais Escolas Estaduais, Pereira Barreto, Guilherme Kulhman, Romeu de Moraes, e escolas privadas, como a Escola de Comércio Campos Sales, Instituto de Educação Anhangüera, Escola Olavo Bilac, Santo Ivo, entre outros.



Fachada do Instituto de Ensino Santo Ivo, S. d.

"Os húngaros foram os primeiros a criar uma escola no Anastácio. Eles pediram para mandar um professor húngaro para cá e pediram também ao governo brasileiro para ceder um professor. Então foi montada uma escola mista. De manhã ensinavam português e de tarde húngaro. Essa escola também funcionava como igreja e sociedade esportiva. Lá se aprendia a escrever, se rezava, dançava aos domingos e de vez em quando se apresentavam peças de teatro amador." (Josef Tubá).

Fachada do Colégio Campos Sales, 1955. Acervo Colégio Campos Sales.



Diploma da Escola de Dactilografia Gonçalves Dias, conferido ao Sr. Dulcio Pereira, em 1946. Coleção Margarida Pereira.



"Estudei na Lapa, no Conselheiro Lafayette e no Guilherme Curno, incorporado ao Campos Sales." (Decio Fuzaro).

"Eu estudei no Pereira Barreto, só minha irmã mais velha estudou no Romeu de Moraes, quando ainda era na rua Croata." (Margarida Pereira).



Boletim Escolar do Sr. Dulcio Pereira, 1938. Coleção Margarida Pereira.



Grupo Escolar Pereira Barreto. Década de 1930. Coleção Margarida Pereira.

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Húngaros na Vila Anastácio e Vila Ipojuca

A imigração húngara no Brasil seguiu, de modo geral, o ritmo dos grandes fluxos migratórios ocorridos entre a segunda metade do século XIX e meados do século XX. Em São Paulo muitos húngaros se instalaram na região da Lapa, especificamente na Vila Ipojuca e Anastácio. Boa parte desses imigrantes era formada por mão-de-obra especializada, sendo rapidamente absorvidos para o trabalho na Vidraria Santa Marina, no frigorífico Armour ou na criação de serviços específicos para a região. Com esforço e dedicação foram mudando a paisagem precária de suas vilas. Preocupados com a preservação de sua cultura, promoviam encontros da comunidade, festas e inúmeras atividades. Com o passar do tempo e a certeza de que ficariam definitivamente no Brasil, foram se integrando com os demais imigrantes e juntos organizaram as bases de cada uma dessas vilas.



Comunidade Húngara de São Paulo. Década de 1940. Coleção Família Viragh

"Meu pai sofria de asma, na Europa passava o inverno todo praticamente de cama. O médico recomendou que ele fosse para um clima quente onde poderia viver muito melhor. A outra razão da nossa vinda é que o homem quer progredir na vida e as coisas não estavam bem lá na Hungria. A terceira razão é que o lugar onde nasci era da Hungria até 1919, e aí houve aquela união em que uma parte foi tomada pelos romenos, outra pelos tchecos e outra parte pelos iugoslavos. Então, meu pai veio para São Paulo e foi trabalhar na construção da fábrica de fósforos Fiat Lux e foi aqui que ele comprou um lote de terreno na Vila Anastácio e comprou um caminhão de tábuas e fez um barraco. O frigorífico Armour foi construído em 1918 e aí começou a chegar estrangeiro para trabalhar no frigorífico." (Josef Tuba).



Comunidade Húngara de Vila Anastácio, 1940. Arquivo Colégio Santo Américo.



Capa da bíblia em húngaro. Coleção Família Viragh.

"Na páscoa não tinha chocolate, os húngaros faziam ovos coloridos, eles cozinhavam, pintavam, botavam papel de seda, quem fazia as pinturas eram os escandinavos." (Josef Tuba).

"A gente pra tomar banho na Vila Ipojuca era um problema. Tinha que pegar água de poço, na rua Tito ou Croata, para cozinhar, lavar, tomar banho." (Margarida Pereira).

Na Vila Ipojuca foto do casamento de Lúcia Spreghiniere. Residência na Rua Croata. Década de 1940. Coleção Família Spreghiniere.



Igreja de Santo Estevão na Vila Anastácio. Arquivo Colégio Santo Américo.

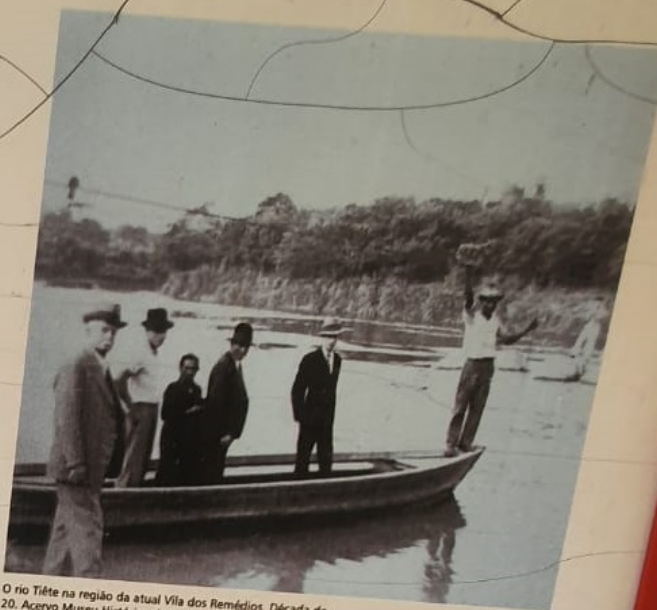
As Olarias da Lapa nas Margens do Tietê

Permanecendo como rota para que viajantes e tropeiros alcançassem o interior através do Caminho de Jundiá, a partir de meados de 1800, a região da Lapa começa a desenvolver um pequeno núcleo populacional. Atraídos, sobretudo, pela proximidade com o rio Tietê, pequenos proprietários começam ali a se fixar.

A boa fertilidade da terra e a abundância de água, servem como incentivo a pequenos agricultores para que organizem na região suas propriedades rurais.

O barro de boa qualidade extraído do rio, estimula também o surgimento de pequenas olarias, que aos poucos povoam as margens do Tietê.

Uma das primeiras olarias instaladas nas proximidades do rio estava situada na rua William Speers e acabou por se transformar em uma importante indústria de cerâmica que produzia tijolos, telhas e manilhas, materiais que a partir da segunda metade do século XIX, tornaram-se essenciais em decorrência do amplo desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo.



O rio Tietê na região da atual Vila dos Remédios. Década de 20. Acervo Museu Histórico da Lapa.

As margens dos rios da cidade de São Paulo sempre foram áreas procuradas para o povoamento, não só pela fertilidade das terras, abundância de água e meio de transporte, como também para a extração de barro, matéria prima das olarias. Foto de 1928. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Chácara na rua Guascurus. 1907. Acervo Museu Histórico da Lapa.

"A Lapa começou principalmente com os barqueiros. Tinha um barqueiro que se chamava Vicente e fazia barcos, vendia para o pessoal das olarias. A história da Lapa começou na Lapa de Baixo" (Hipólito Sproccati).



Projeto Museus de Bairro / Secretaria de Estado da Cultura

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

As Origens da Lapa

"Lugar Por Onde Passa"

As primeiras informações históricas sobre a região da Lapa datam de 1561, quando padres jesuítas em missão evangelizadora no Brasil, receberam uma sesmaria junto ao rio Embiaçaba, denominado séculos depois rio Pinheiros. Do idioma Tupi, a palavra Embiaçaba (Ambuaçava, Umbiaçava, Mboaçava, Buaçava ou Boaçava) significa "lugar por onde passa". Foi nessa paragem que permaneceram durante longo tempo. A "fazendinha da Lapa", dos jesuítas, limitava-se com os sítios Água Branca, Mandi, Emboaçava e Tabatinguá e tinha como sede o engenho e ermida da Lapa que se localizava no caminho de Jundiá, onde hoje se encontra a avenida Brigadeiro Gavião Peixoto. O terreno foi doado sob a condição de se cantar, anualmente, uma missa em louvor à Virgem Santíssima da Lapa, devotada em Portugal.



Reprodução do mapa onde aparece a demarcação ocupada pelos jesuítas. Acervo Museu Histórico da Lapa.

Em 1590, uma fortaleza foi construída na região com o objetivo de proteger a então Vila de São Paulo dos Campos de Piratininga de possíveis ataques indígenas. No entanto, tal fortificação permaneceu silenciosa, não alterando a ocupação local. A falta de mão-de-obra contribuiu para que os jesuítas, em 1743, trocassem o terreno com outra propriedade nas imediações de Cubatão, na baixada santista. No ano de 1765, apenas cinco casas compunham o cenário da paragem de Emboaçava.



Campo da ermida da Lapa, ao fundo o rio do Jaraguá, Aqueduto de Chamberlain, Coleção Van de Almeida Prado. Arquivo Washington Luís.

Secretaria de Estado da Cultura
Projeto Museus de Bairro

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA



Coreto no Largo da Lapa.
Coleção Décio Ferreira.

CENTRO
CULTURAL E DE
ESTUDOS
SUPERIORES

AÚTHOS PAGANO

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO CENTRO CULTURAL E
DE ESTUDOS SUPERIORES AÚTHOS PAGANO



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO



SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Apoio



Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria de Implementação das Sub-Prefeituras
Administração Regional da Lapa

Ficha Técnica

Coordenação:
Geraldo José Medaglia
Julio Abe Wakahara

Projeto e Montagem:
Escritório Julio Abe Wakahara SCL

Pesquisa e textos:
Carla Nieto Vidal
Fernanda Cristina Scalvi

Apoio à pesquisa:
Cláudia Gomes

Projeto Gráfico:
Claudio Wakahara
Haroldo Kinder
Daniel Ho
Mario Fernando Petrilli do Nascimento

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Apresentação

Depois de percorrer a cidade de São Paulo, trazendo à tona as memórias dos bairros do Cambuci, Pinheiros, Butantã, Freguesia do Ó, Pompéia e Santana, o Projeto Museus de Bairro da Secretaria de Estado da Cultura chega ao tradicional bairro da Lapa.

Contando uma história que se inicia em 1561, quando os padres jesuítas receberam uma sesmaria na região, esta exposição vai contemplar os momentos de maior importância do processo de ocupação e formação do bairro da Lapa. Esse trabalho não seria possível sem a participação da comunidade lapeana, que com sua generosidade dividiu conosco suas memórias e reminiscências.

A todos que direta ou indiretamente participaram dessa exposição, agradecemos:

Airton Santiago
Anita Spegaciniere
Carlos Augusto Coutinho Braga
Daisy Dell'Erba
Décio Ferreira
Ednaldo Silva Melo
Eloi Murari
Erna Matzak Battaglia
Ettore Battaglia
Felíssima Camargo
Geraldo José Medaglia
Gisele Paixão
Hypolito Sprocati
João Dias Carrasqueira (in memoriam)
João Mariano
José Carlos de Barros Lima
José Dobra
Josef Tubá
Julio Paes de Almeida

Lauro Novelli
Lenice Priólli
Lucia Spegaciniere
Luiz Gatti Netto
Margarida Pereira
Maria Inês Mazzoco
Nice Wendel Magalhães
Older Grigolli
Oswaldo de Oliveira
Paulo Toledo Machado
Roberto Alonso
Rosa Fuzzaro
Yole Pisan
Eduardo Silva Melo
Roberto Marin
Sílvia Biriz
Therézinha Pintado C. A. de Oliveira
Valter Ramoj Jacinto
Vicente Marlinelli
Walter Rivoli

Administração Regional da Lapa
Arquivo Histórico Municipal
Associação Cristã de Moços - ACM
Associação Comercial de São Paulo - Distrital Lapa
Associação dos Amigos do Centro Cultural e de Estudos Superiores Aúthos Pagano
Biblioteca Municipal da Lapa
Centro Cultural e de Estudos Aúthos Paganos
Cia City
Colégio Santo Américo
Colégio e Faculdades Campos Salles
Corporação Musical Operária da Lapa
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Instituto de Educação Santo Ivo
Lions Club Lapa
Museu Espirita da Lapa
Paróquia Nossa Senhora de Fátima - Monsenhor Tarcísio Justino Louro
Rotary Club Lapa
Sociedade Amigos da Lapa de Baixo - SALB

Bandeira da Lapa desenhada por Osmar Bueno de Carvalho e idealizada por Décio Ferreira em 1977.



LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

O Tietê e suas Enchentes



Aspecto da Lapa de Baixo após enchente. 1928. Arquivo Museu Histórico da Lapa.

O rio Tietê desempenhou papel decisivo na ocupação da região. Em função de sua presença chegaram os oleiros que de seu leite extraíram o barro de boa qualidade, depois a ferrovia e as indústrias que precisaram de suas águas para pôr a funcionar seus equipamentos.

Como fonte de lazer, o rio atraiu jovens para práticas esportivas, grupos de amigos em passeios de barco, piqueniques e serenatas ao luar.

Tal como o bairro, o rio também sofreu transformações. A partir da década de 1920, começou a ser retificado e teve seu traçado alterado. As margens acabaram por ser ocupadas e lentamente o rio começou a agonizar. As enchentes, como a ocorrida em 1929, passaram a ser um problema na vida dos moradores ribeirinhos e o rio que antes era um velho amigo tornou-se feio e indesejado.

"O rio virava um mar durante as enchentes e salamos de barco e fomos roubar frutas na chácara da vizinha. O rio era limpo e nós podíamos beber da sua água."
(Décio Ferreira).

"A molecada nadava no rio Tietê, que era um braço do Rio Velho, por isso que a Vila Anastácio era uma ilha, e tinha um braço que sala e voltava. Mas nessa época não era mais uma ilha, porque o rio foi alterado." (Josef Tuba).



A "Grande Enchente" de 1929 trouxe muitos problemas para a região da Lapa. Arquivo Museu Histórico da Lapa.

Casa alugada na Lapa de Baixo. Proprietária do Sr. Gabriel Cavatton. Coleção Décio Ferreira.



Antiga ponte da Lapa. 1929. Museu Histórico da Lapa.



LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Organização Operária

A vida dentro das fábricas nem sempre foi fácil. Expostos a jornadas que chegavam até 16 horas, muitas vezes trabalhando apenas com um contrato verbal que não lhes dava garantia alguma em caso de demissões - os operários tiveram que percorrer longo caminho na luta por seus direitos. Salários baixos obrigavam que homens, mulheres e crianças estivessem dentro das fábricas, unindo famílias inteiras no esforço pela subsistência.

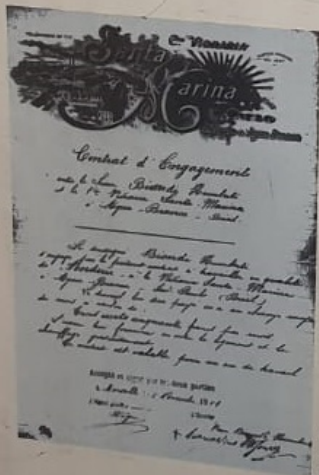
Frente às dificuldades, os operários tiveram que se organizar por melhores condições de trabalho, usando muitas vezes a greve como arma. Na Lapa a primeira greve operária estourou em 1909, na Vidraria Santa Marina. No final da década de 1920, foi a vez dos operários da Fábrica de Tecidos e Bordados reivindicarem seus direitos. Como forma de proteção, os operários, criaram as Associações de Socorro Mútuo que tinham o objetivo de dar assistência às famílias, em caso de doença, invalidez e morte.



Operários na Fábrica de Cerâmica Santa Catarina. 1915. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Interior da Fábrica de Linhas e Bordados da Lapa. Década de 1920. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Contrato de Trabalho da Santa Marina. 1909. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Mulheres e crianças fazem parte do contingente operário. Década de 1920. Fábrica de Linhas e Bordados da Lapa. Acervo Museu Histórico da Lapa.

Na Lapa surgiram a Sociedade Operária de Socorros Pecuniários, a Caixa Beneficente "São José" Popular da Lapa, a Sociedade Beneficente Operária da Lapa, a Sociedade de Mútuo Socorro União Fraternal e a Caixa de Socorro Mútuo da Cooperativa Internacional Beneficente da Lapa. Essas associações acabaram por evoluir dando origem a uniões e ligas operárias.



Trabalhadores da Metalúrgica Altkon. Década de 1920. Museu Histórico da Lapa.

O Pioneirismo da Lapa no Futebol

Introduzido no Brasil pelo britânico Charles Miller, em 1898, o futebol encontrou no bairro da Lapa muitos adeptos. A presença da colônia britânica no local, em virtude da São Paulo Railway, incentivou ainda mais aquela que viria a ser uma das paixões nacionais. O primeiro time do qual se tem conhecimento no bairro nasceu em 1903, formado em sua grande parte por jovens ingleses: o "Scotch Andeers". Três anos mais tarde, surgiu a Associação Atlético Lapa e, em 1910, o União Lapa F.C.

Nas décadas seguintes, o esporte bretão disseminou-se por toda a cidade de São Paulo, ocupando as várzeas dos rios e terrenos desocupados. Por todos os lados apareceram campos de futebol e novas equipes que contavam com uma animada torcida durante os jogos e campeonatos. Entre outros times e agremiações despontaram na Lapa: Vênus, 1o de Maio, Trieste, Alfa, Aliança, Lapeaninho F.C., Vaticano Atlético Clube, São Paulo Railway.



Seleção de futebol "Ferro e Madeira" da São Paulo Railway Company, 1931. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Time de futebol da São Paulo Railway Company. Década de 1940. Coleção Margarida Pereira.



União Lapa F.C. 1926. Coleção Geraldo Medaglia.



Lapeaninho Futebol Clube, 1938. Acervo Museu Histórico da Lapa.

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Registrando a História: Os Jornais

O bairro da Lapa foi um dos primeiros a ter uma publicação voltada exclusivamente para seus moradores. Em 5 de novembro de 1910, Jocundino Coelho passou a editar o semanário republicano "A Tribuna da Lapa".

Interessante é a história do 2º semanário a nascer na Lapa, "O Progresso". Criado em 1917, por Antônio Pereira Marques, foi um importante instrumento para a reivindicação de um cemitério na Lapa. Em 1918, pouco tempo após a implantação efetiva do cemitério, o jornal "O Progresso" encerrou suas atividades.

Nos anos subseqüentes, diversos jornais, verdadeiros porta-vozes dos lapeanos e de seus representantes, surgiram sob diferentes orientações políticas e editoriais, registrando semanal ou diariamente o cotidiano e os acontecimentos mais excepcionais do bairro.

"A Folha da Lapa", "A Voz da Lapa", "A Tribuna da Zona Oeste", "Jornal do Bairro", "Commercio da Lapa", "Argus", "Gazeta da Lapa" e "O Pioneiro" foram alguns dos que reproduziram em suas páginas toda a história da Lapa nos últimos 91 anos.

A imprensa lapaense acabou por se tornar uma referência, em toda a cidade, de conteúdo para a criação de diversos jornais de bairro. Com o passar dos anos foi ganhando novos formatos como o da "Revista Laqui" e a "Revista da Região".



Família Pereira Marques. Dona Luíza, o pequeno Francisco e Sr. Antonio, editor do jornal "O Progresso", 1914. Coleção Décio Marques.

Jornal "Argus", 1936. Acervo Museu Histórico Lapa.



Jornal "Commercio da Lapa", 1932. Acervo Museu Histórico Lapa.



"Em uma determinada época fui trabalhar na Olivetti. Eu vendia máquina para todo o Estado de São Paulo e um dia fui designado para o bairro da Lapa e acabei entrando na Gazeta da Lapa. Como eu já tinha tido uma experiência com um jornal anterior do Sindicato Varejista e no Sindicato de Hotéis e Similares, me convidaram para trabalhar. De tanto eu dar palpites, me convidaram para participar na colaboração. Mais tarde, o Roberto Rumo, que tinha comprado a Gazeta da Lapa, me ofereceu uma sociedade. Essa parceria durou 10, 12 anos. Depois fizemos a Tribuna da Zona Noroeste e aí fui para os Estados Unidos, onde descobri uma coisa que se chamava rede de jornais e quando voltei criei a rede paulista de jornais. Toda vez que se põe um núcleo politizado, tem que se arrumar um jeito de se comunicar e então como é que se comunica? É através do jornal. Pode atender os interesses políticos, mas acaba reivindicando coisas da comunidade. A Tribuna era um jornal reivindicativo, um jornal voltado à comunidade, a repetir o que a comunidade pensava, fazendo-se porta-voz dela, encaminhando isso ou aquilo, botando em contato a autoridade e o leitor." (Olympio Perroni)

Jornal "Folha da Lapa", 1956. Acervo Museu Histórico Lapa.



Jornal "O Pioneiro", 1927. Acervo Museu Histórico Lapa.



Jornal "A Voz da Lapa", 1939. Acervo Museu Histórico Lapa.



LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Caindo na Folia

Os carnavais marcados pela espontaneidade e criatividade dos foliões deixou muita saudade nos moradores da Lapa. Quantos namoros desfeitos na sexta-feira gorda e reatados na quarta-feira de cinzas... Inicialmente festejado apenas pelas pessoas mais afortunadas, o carnaval logo passou a ser uma festa popular que invadiu as ruas, casas e clubes.

Conforme o mês de fevereiro se aproximava, os preparativos para a festa se intensificavam. Eram metros e metros de tecidos que vestiriam pierrôs, colombinas, camponeses, índios, piratas, ciganos. E outros tantos quilos de papel que se transformariam em confetes e serpentinas. Os blocos começavam a ensaiar com antecedência as marchinhas e sambas que embalariam as noites de farta e alegria.

Nos salões dos clubes, aconteciam concursos de fantasias e as diversas orquestras e bandas animavam os foliões até altas horas da madrugada. Pelas ruas, havia desfiles de carros alegóricos e de inúmeros blocos que convidavam todos a participar da brincadeira.



Animados Pierrôs. Década de 1920. Acervo Museu Histórico da Lapa.

"Eu ia muito nos bailes. Eu fui muito no Nacional da SPR, no São Carlos, ia no Carlos Gomes, mas a minha mãe sempre do lado. Ela sempre ficava lá até as 4 horas da matina, firmo. Tanto que quando eu conheci meu marido e fiquei noiva, na primeira vez que fui ao cinema, minha mãe estava do lado." (Margarida Pereira).

"A gente ia assistir os desfiles de Carnaval na Lapa de Baixo, na rua 12 de outubro..." (Rosa Fuzaro).

"No Carnaval tinha os bailes do Roma, São Carlos... Eram muito bonitos, familiares. Tinha concurso de fantasia. Eram todas pessoas da Lapa. O Roma era de elite." (Hipólito Sprocatti).

Carnaval no Clube Nacional. Década de 1950. Coleção Margarida Pereira.



Desfile de carros no carnaval de 1926. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Convite para uma "Noite Dançante" do Club Carnavalesco Lapeano, realizada no dia 27 de dezembro de 1919, em benefício dos cofres sociais.



Carnaval no Clube Nacional. Década de 1950. Coleção Margarida Pereira.



Dona Margarida e Sr. Dulcio Pereira, antigo morador do bairro da Lapa, no carnaval do Clube Nacional. Década de 1950. Coleção Margarida Pereira.

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Um Bairro Comercial

Uma das características marcantes do bairro da Lapa é o seu notável desenvolvimento comercial. O primeiro pólo surgiu nas imediações da estação da Estrada de Ferro, no então denominado "Largo da Lapa". Ali se instalaram os primeiros armazéns de secos e molhados, açougues e lojas de armarinho. Em 1903, com a chegada do bonde, o comércio se direcionou para a Lapa de Cima. Na década de 1920, as ruas Cincinato Pomponet e 12 de outubro vão ganhando destaque de importante centro comercial ao colocarem uma gama variada de produtos a disposição da população. Importantes organizações surgem, como a Cooperativa de Consumo da Lapa e o Mercado Municipal da Lapa. Ao longo de décadas, o comércio foi intensificando-se atraindo moradores de outras regiões da cidade. A organização comercial, também, se fez presente no bairro por meio de ações da Associação Comercial, do Lions Clube e do Clube dos Lojistas que sempre tentaram conciliar as atividades comerciais com a preservação estética do bairro.



Alfaiataria na Lapa de Baixo. Década de 1920. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Confeitaria Central da Lapa na Rua Doze de Outubro. 1916. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Primeira edificação da Cooperativa de Consumo da Lapa. 1935. Coleção Família Venturini.



Bar Lapa Progrido, onde foi instalada a primeira bomba de gasolina da Lapa. 1936. Acervo Museu Histórico da Lapa.

Tradição Cultural

A Corporação Musical da Lapa e a Sociedade Amigos do Livro

A tradição cultural da Lapa tem origem no início do século nos diversos grupos que se formaram e organizaram festas públicas, bailes e permanentes apresentações teatrais.

A mais importante expressão cultural da Lapa foi, e continua sendo até os dias de hoje, a Corporação Musical Operária da Lapa.

Criada em 1881, pelo renomado maestro Chiaffarelli, nasceu com o nome Lyra da Lapa. Em 1889 passou a se chamar Banda 15 de Novembro da Lapa, uma homenagem a Proclamação da República. Em 1914, os músicos que dela faziam parte, a grande maioria operários, decidiram em assembléia mudar o seu nome para Corporação Musical Operária da Lapa. Inicia-se, então, um período de glórias e reconhecimento, onde a Corporação torna-se uma importante escola de formação de músicos. A década de 1940 dá ao bairro da Lapa o status de "Bairro Chorão", pelos músicos que disseminaram o melodioso chorinho, entre eles João Dias Carrasqueira.

Os saraus literários também tiveram destaque no cenário cultural lapaeno, sobretudo com a criação da SAL - Sociedade Amigos do Livro na década de 1940. Por meio da SAL, muitos jovens lapaenos tiveram contato pela primeira vez com os clássicos da literatura, passando a encená-los em teatros do bairro e, inclusive, no Teatro Municipal de São Paulo.



Corporação Musical Operária da Lapa, 1935. Coleção Décio Ferreira.



Corporação Musical Operária da Lapa, em Santos, 1927. Coleção Décio Ferreira.



Corporação Musical Operária na década de 1950. Coleção Décio Ferreira.



Alunos de harmônica da professora Elvira Nacaratto Sbrigh. Década de 1950. Acervo Museu Histórico da Lapa.

"A SAL surge em 1942. A Sociedade começou pequenininha, e a Sociedade nasceu em função do Laureano, e vieram as peças. As Pupilas do Senhor Reitor, O Sábio, Maria Vai Com as Outras. Também tinha o Mirante que era um jornal que trazia poesias e contos e revelou muitos escritores." (Daise Dell'Erba).

"A SAL ficava a dois quarteirões de nossa casa, meu pai que gostava muito de poesia percebeu que tinha lá uma sociedade e começou a frequentar. A gente era bem mocinha. Eles faziam peças de teatro, excursões, piqueniques. O Laureano, que foi a pessoa que ajudou a fundar a SAL, gostava de ler e não tinha posses. Então, alguns amigos resolveram se reunir e fundaram um lugar que emprestava livro e onde se podia ler e aí foi crescendo e se estruturando como Sociedade Cultural. Para nós era muito interessante o passeio, os recitais que iam assistir, porque nós não tínhamos lazer." (Lenice Prioli).

Elenco Teatral da Sociedade Amigos do Livro, década de 1950. Coleção Lenice Prioli.



Sociedade Amigos do Livro



Projeto MUSEUS de Bairro / Secretaria de Estado da Cultura

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

A Chegada da São Paulo Railway Company

A inauguração da Estrada de Ferro São Paulo Railway, ligando Santos a Jundiaí, em 1867, alterou completamente a configuração de São Paulo. No âmbito econômico, a ferrovia possibilitou maior agilidade no escoamento da produção de café para as regiões de sua comercialização, incentivou a instalação de diversas indústrias em suas proximidades promovendo o desenvolvimento de algumas regiões e acabou por determinar novos negócios na medida em que ia encurtando as distâncias.

A Santos-Jundiaí, na região oeste da cidade tinha uma parada oficial na Água Branca e, antes de chegar a Perus, informalmente, uma parada no Anastácio - para atender usuários locais e lapeanos. Em 1899, após a reivindicação da população surge a Parada da Lapa.

Em 1898, em função da necessidade de grande demanda de água para suas caldeiras, a SPR decide transferir suas oficinas do bairro da Luz para a Lapa, aproximando-se assim do rio Tietê.

Inaugurada em 1900, a oficina da SPR determinou que operários e técnicos da ferrovia passassem a viver com suas famílias na região. A ferrovia foi o fator decisivo para que a Lapa viesse a se tornar um dos mais importantes e tradicionais bairros paulistano.

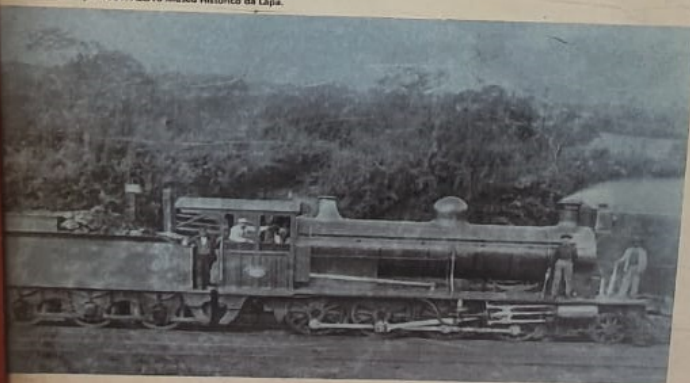


Parada da Lapa, inaugurada em 1900, foi uma dos marcos da história do bairro. Acervo Museu Histórico da Lapa.

Trecho Lapeano da estrada de ferro Santos-Jundiaí. Coleção Ailton Santiago.



Locomotiva da São Paulo Railway nas proximidades da Lapa. 1901. Acervo Museu Histórico da Lapa.



São Paulo Railway Company, carteira de funcionário. Coleção Margarida Pereira.



Projeto Museus de Bairro / Secretaria de Estado da Cultura

LAPA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Lapeanos na São Paulo Railway Company

Engenheiro Fox, Felix Guilhem, Antonio Fidelis, William Speers, Engenheiro Aubertin, Sheldon, John Harrison, Moxei têm em comum, além de emprestarem seus nomes às ruas da Lapa, o fato de terem trabalhado na São Paulo Railway Company.

Pelas instalações da SPR diversas gerações de lapeanos desenvolveram inúmeras atividades, muitas passadas de pai para filho.

Se por um lado a presença da SPR contribuiu significativamente para o desenvolvimento do bairro, por outro ela possibilitou a integração da comunidade - seja por meio das horas passadas no árduo trabalho ou nos momentos de lazer vivenciados no Clube Nacional.



O Sr. José Ferreira (terceiro, de pé, da esquerda para a direita) foi um dos lapeanos que passou boa parte de sua vida, seguindo o exemplo de seu pai, nas oficinas da SPR. Lá desempenhou a função de mestre da seção de montagem e reparações de locomotivas a vapor. 1936. Coleção Décio Ferreira.

Vista do campo de futebol do clube da SPR - Nacional, onde os trabalhadores da ferrovia podiam passar suas horas de lazer. 1947. Coleção Margarida Pereira



"Meu sogro era da SPR, os parentes da minha sogra da Lapa de Baixo também. Meu sogro era o Géremias Pereira, eu não sei se trabalhava na fundição. Ele queria que meu marido fosse pra lá, mas meu marido não queria. Depois acabou indo trabalhar na mecânica e mais tarde nos Pincéis Tigre e acabou voltando para trabalhar nos escritórios da Rede. Ele trabalhou 35 anos na Rede" (Margarida Pereira)

"Meu marido trabalhou nas oficinas da SP Railway, ele era mestre geral das oficinas da Lapa, era mestre geral da Seção de Locomotivas a vapor. Meu sogro também era maquinista de trem". (Rosa Fuzaro)

Operários da seção mecânica da São Paulo Railway Company. 1920. Acervo Museu Histórico da Lapa.



Carteira de sócio do São Paulo Railway Atlético Clube, posteriormente Clube Nacional, pertencente ao Sr. Dulio Pereira. Coleção Margarida Pereira.